

CLICHÊ

Escrito por

Bia Alineri

TÍTULO: A palavra CLICHÊ, na fonte mais comumente utilizada em tabuleiros de ouija, é "carimbada" com tinta preta em uma placa de madeira, letra por letra, fazendo uso de CLICHÊS TIPOGRÁFICOS; uma trilha sonora suave e inquietante.

1

INT. SÓTÃO - NOITE

1

Feixes de luz do luar iluminam grãos de poeira esvoaçantes. Um par de pernas atravessa a cena, levantando uma pequena nuvem de pó.

Um telhado esburacado e pequenas janelas sujas são as únicas fontes de iluminação, mas as numerosas pilhas de caixas de papelão são perfeitamente visíveis. Quatro silhuetas estão fora de foco ao fundo, caminhando com cautela.

O sótão está abarrotado de itens antigos, quebrados, e entulhados dentro e fora de caixas, sem qualquer organização.

Uma doce voz feminina (DINA, 17) demonstra medo, conforme ela e os outros três adolescentes entram em foco.

DINA

Tem alguma coisa muito sinistra aqui.

Os badulaques e penduricalhos da ingênua Dina tilintam quando ela se agarra ao braço de JÚLIO (16), um menino alto, quieto, que inspira segurança. ÍCARO (17) caminha à frente dos outros, abrindo cada vez mais distância conforme explora os objetos e caixas, com legítima curiosidade e descontração. Já a tranquilidade de MARTA (17) é apenas mais uma de suas fachadas.

MARTA

Ah, jura, Dina?

Dina e Júlio a encaram, mas Ícaro está em sua própria aventura, seguindo para a parede do fundo, tratando os itens que encontra com desleixo.

MARTA (CONT'D)

Foi aquele rato morto ali que te fez pensar isso?

Dina procura pelo chão em volta de si, aflita.

MARTA (CONT'D)

Tava tranquilo escutar as paredes rangendo sem nenhum vento? Coisas quebrando sozinhas?

JÚLIO

Não começa, Marta.

Marta apenas revira os olhos. Acende um cigarro, mas sua atitude despretensiosa não esconde o tremor de seus dedos.

(CONTINUED)

Dina está visivelmente abalada, mas não pelas palavras da colega.

DINA

Não, é sério. Quando eu disse pra gente checar o sótão, eu não quis dizer... tipo...

Dina para de avançar, forçando Júlio a fazer o mesmo.

Analisa seu entorno, inquieta. A trilha sonora fica mais intensa, como se algo fosse acontecer, e Dina apenas aguarda.

O som de suspense é cortado por um objeto atingindo o chão, derrubado por Ícaro, que está explorando uma pilha. Os outros três se aliviam do susto que levaram.

Ícaro escolhe itens aleatoriamente, alheio ao barulho que está fazendo. Uma máscara, uma lamparina quebrada, uma cartola, bonecos incompletos, e muitas outras bugigangas que já não tem o valor atribuído por seus donos. Muito menos para Ícaro, que lança os objetos para trás com o mesmo apreço que os recolhe.

Júlio e Marta estão impacientes com ele, mas Dina volta a expressar o que seus sentidos estão lhe dizendo.

DINA

Tem alguém aqui.

Júlio e Marta se entreolham, intrigados.

DINA (CONT'D)

Tem mais alguém aqui, e eles não estão felizes que a gente também está.

MARTA

Eles? No plural?

ÍCARO (O.S.)

Olha o que eu achei!

Ícaro vem de encontro a eles com um sorriso gaiato, mostrando no ar a tábua de madeira que traz em uma das mãos.

O tabuleiro contém letras, números, e as palavras "yes", "no" e "good bye". Na parte superior, como um título, lê-se a palavra "ouija".

MARTA

Ah, não.

JÚLIO

Ah, pelo amor de Deus.

ÍCARO

Ah, sim!

(CONTINUED)

1 CONTINUED:

Ícaro coloca o tabuleiro no chão, posicionando também o tradicional ponteiro triangular com um orifício, ignorando os protestos e exasperação dos colegas.

Encontra num canto um punhado de velas usadas.

ÍCARO (CONT'D)
Cês não queriam saber o que tem
nessa casa?

Num rápido movimento, apanhou o isqueiro do bolso de Marta.

MARTA
Ei!

Ícaro se ajoelha e começa a acender as velas, uma a uma, dispondo-as em um círculo em volta do grupo, com o tabuleiro no centro.

JÚLIO
Não tem nenhuma chance da gente
usar esse negócio, Ícaro.

A iluminação bruxuleante das chamas torna o cenário ainda mais macabro, mas o tabuleiro se destaca por outra razão; não tem nenhum grão de poeira.

Ícaro continua acendendo as velas.

Sem paciência, Marta lança um olhar de socorro aos amigos, mas Júlio apenas balança a cabeça.

Dina se aproxima de Ícaro, cautelosa, e fala quase em uma súplica.

DINA
Ícaro...

ÍCARO
(para as velas)
Olha, Dina... a gente já entendeu,
tem alguma coisa aqui. Agora para
com esse drama. A gente vai brincar
de falar com os espíritos, aí algum
de nós vai mexer o ponteiro, a
gente vai se assustar, rir, e
depois vai pra casa. Fim.

Silêncio.

A ausência de reações faz Ícaro olhar para os colegas.

Dina o encara, tremendo da cabeça aos pés, as lágrimas clamando por sua prudência.

Marta o fita de braços cruzados, mas nada é mais ameaçador do que a absoluta desaprovação no rosto de Júlio.

(CONTINUED)

CONTINUED:

Ícaro respira fundo, derrotado.

ÍCARO

Ok. Nada de tabuleiro ouija.

Pela descrença em seus rostos, adiciona.

ÍCARO (CONT.)

Eu juro!

MARTA

Eu tenho certeza que na segunda-feira você vai dar um jeito de aparecer na escola com essa tábua debaixo do braço.

Ícaro olha de um rosto a outro, como se esperando alguém intervir em sua defesa. Dá de ombros, e se levanta morosamente.

Encontra por perto uma espécie de latão com algumas miudezas. Os outros se entreolham, curiosos.

Ícaro entorna seu conteúdo no chão, sobressaltando seus colegas.

Cuidadosamente, posiciona o tabuleiro dentro do latão.

De maneira dramática, pega uma das velas e a levanta no ar, como num brinde.

Então, abaixa a vela e encosta a chama na madeira.

Quando o canto do tabuleiro começa a chamuscar, ele se ergue do chão, orgulhoso.

ÍCARO

(jogando a vela acesa no latão)

Pronto. Nada de tabuleiro ouija.

Marta e Júlio estão surpresos, porém aliviados.

Mas Dina permanece observando o fogo intensamente, franzindo o cenho.

A trilha se intensifica. A dúvida paira no ambiente.

Algo está errado.

Algumas bolhas começam a se formar no braço de Ícaro.

Dina se apavora ao reparar, mas mal há tempo para falar alguma coisa.

Rápido demais, todos eles começam a se contorcer e gritar de dor, bolhas de queimadura se espalhando por seus corpos.

(CONTINUED)

CONTINUED:

Dentro do latão, o tabuleiro de ouija permanece queimando.

Se jogam no chão, se estapeiam e esperneiam, numa vã tentativa de apagar um fogo que nem ao menos existe.

Sangue, pus, fumaça, carne, cinzas.

O olhar desesperado de cada um deles é o que lhes resta do que conheciam um do outro, suas peles agora desfiguradas, suas roupas e cabelos carbonizados.

O sótão fica silencioso novamente. É possível ouvir apenas os últimos gemidos de vida, e o som da moribunda Dina se arrastando pelo chão.

Dina tenta agarrar a pessoa mais próxima, mas só o que encontra é um corpo inanimado, que se deforma mais ainda com seu toque.

Todos os outros estão mortos.

Incapaz de se movimentar de novo, Dina lança um olhar ao latão, cuja luminosidade está decrescendo.

Dina fecha seus olhos, sem vida.

Como um animal saciado, a labareda se extingue.

No interior do recipiente de metal, a tábua de madeira e um ponteiro de formato triangular. Letras, números e palavras perfeitamente legíveis marcam sua superfície lisa, sem sinal algum de poeira ou cinzas.